

Cabo elétrico propicia câncer, sugere estudo

Pesquisa canadense encontra risco de tumor três vezes maior entre trabalhadores expostos a campos magnéticos

Das agências internacionais e da Redação

Um novo estudo feito no Canadá reforça a hipótese de que campos magnéticos gerados por cabos elétricos de alta tensão podem gerar um risco maior de câncer.

De acordo com cientistas da Universidade McGill, de Montreal, pessoas que trabalham com cabos de alta tensão (expostas a campos magnéticos) têm um risco três vezes maior de desenvolver um tipo de câncer que afeta as células do sangue, a leucemia.

Além do risco aumentado de desenvolver a leucemia (do tipo mielóide aguda), os trabalhadores também apresentaram indícios de um risco ligeiramente maior de um câncer no sistema nervoso, chamado de astrocitoma.

“Nosso estudo não traz uma

resposta final à pessoa que se pergunta se todos os campos magnéticos estão vinculados ao câncer”, disse Gilles Theriault, principal autor da pesquisa, que sai na revista “Journal of Epidemiology”.

De acordo com Theriault, os resultados não demonstram definitivamente que esse tipo de campo magnético pode causar leucemia.

Ele e sua equipe fizeram questão de ressaltar que existem outros estudos detalhados que não confirmaram o efeito.

A pesquisa de Theriault levou 20 anos para ser concluída e envolveu mais de 220 mil trabalhadores de empresas de fornecimento de água e eletricidade.

Polêmica

A controvérsia a respeito do possível vínculo entre campos magnéticos gerados por cabos de alta tensão e câncer dura mais de

15 anos. Nos últimos dois anos, no entanto, ela passou a aparecer com maior frequência nas manchetes dos jornais.

Em outubro passado, um grupo de médicos do Registro Nacional do Câncer da Dinamarca investigou todas as crianças do país que tiveram câncer diagnosticado nas últimas duas décadas.

O estudo mostrou indícios de que crianças que moravam perto de cabos de alta tensão tinham risco aumentado para leucemia, tumores cerebrais e linfoma, os principais cânceres infantis.

Por outro lado, um estudo finlandês divulgado na mesma época não encontrou relação entre os campos magnéticos e câncer.

Outros dois estudos de grande porte, divulgados em 1992, também não acharam evidências conclusivas.

Psicólogos britânicos mudam de idéia e condenam vídeos violentos

Do “The Independent”

Um grupo de psicólogos e psiquiatras britânicos pediu quinta-feira leis mais rigorosas para controlar a distribuição de vídeos violentos.

Em uma mudança significativa no modo de pensar, especialistas ligados às universidades de Nottingham e Londres e ao Colégio Real de Psiquiatras afirmaram ter sido “ingênuos” ao negarem a relação entre esses vídeos e a violência praticada por crianças e jovens.

O relatório do grupo foi elabora-

do após o assassinato de James Bulger, de dois anos, por dois meninos de dez.

Durante o julgamento dos meninos (que foram condenados), o juiz disse que eles poderiam ter sido estimulados por cenas do filme “Brinquedo Assassino 3”.

O relatório foi enviado para David Alton, um parlamentar empenhado em tornar ilegal a exibição gratuita de vídeos violentos a crianças.

O parlamentar quer que alguns vídeos sejam classificados como “desaconselhável para o consumo doméstico”.

A mudança de atitude dos psicólogos foi criticada por um especialista em mídia. Steven Barnett, do Goldsmith's College, de Londres, afirmou que o relatório reflete uma tendência entre especialistas em comportamento.

“A moda no momento é dizer que há o elo porque é isso que as pessoas querem ouvir. Eles (os especialistas) ignoram evidências que não batem com suas teorias”, diz Barnett.

O Ministério do Interior disse que o relatório receberá “atenção urgente”.



Instalações usadas no fornecimento de energia elétrica podem aumentar risco de câncer

Incor consegue resolver parte do enigma químico em torno do lúpus

MARCELO LEITE

Da Reportagem Local

Pesquisadores do Instituto do Coração de São Paulo conseguiram desvendar parte do mistério do lúpus.

As pessoas que sofrem desse mal correm risco cinco vezes maior de ter problemas cardíacos. O Setor de Lípidos do Incor descobriu que eles também têm níveis anormais de um tipo de colesterol.

O nome completo dessa doença de causa desconhecida é complicada: lúpus eritematoso sistêmico

(LES). Ele provém de lesões na pele que os antigos consideravam parecidas com mordidas de lobo.

Sua principal característica são inflamações em muitos órgãos diferentes, resultando em fadiga, febre, anemia, artrite, entre outros sintomas. Ataca 6 pessoas em 100.000, em especial mulheres.

A equipe coordenada pelo médico Raul Maranhão estudou 100 pessoas (34 com LES e 66 sãs).

Sua meta era comparar os níveis da lipoproteína (a), ou lp(a), uma “prima” do colesterol recentemente identificada como forte fator de risco para doença cardíaca.

Verificou-se que a lp(a) existia em quantidade bem maior no sangue dos que tinham LES.

Conseguiu-se mostrar também que a presença dessa gordura não parece resultar do processo inflamatório provocado pelo lúpus. Ou seja, é possível que o LES e a lp(a) tenham origem genética comum.

Segundo Maranhão, o próximo passo da pesquisa seria examinar parentes de portadores de LES, para ver se eles também têm níveis altos de lp(a).

O estudo será publicado em breve pela revista médica especializada “Journal of Rheumatology”.